

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
28 de Abril e 2 de Maio de 2023
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: JAN SVANKMAJER, O SURREALISTA

OTESÁNEK / 2000 “O Pequeno Otik”

Um filme de Jan Svankmajer

Argumento: Jan Svankmajer, a partir de um conto de fadas de Karol Jaromir Erben / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor, formato 1x37): Juraj Galváneek / *Efeitos especiais:* Martin Stejskal / *Efeitos óticos:* Daniel Bird / *Cenários e figurinos:* Jan Svankmajer e Eva Svankmajerová / *Montagem:* Marie Zemarová / *Som (Dolby):* Ivo Spalj / *Interpretação:* Veronika Zilková (*Bozena Horáková*), Jan Hartl (*Karel Horák*), Jaroslava Kretschmerová (*Panil Stádlarová*), Pavel Nový (*Frantisek Stádlar*), Kristina Adamcová (*Alzbetka*), Zdenek Kozák (*o Sr. Zlabeň*) e outros.
Produção: Keith Griffiths, Jaromir Kalista e Jan Svankmajer para Athanor, Film Four e Illumination Films / *Cópia:* dcp, versão original com legendas em inglês e eletrónicas em português / *Duração:* 131 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza (seção Cinema del Presente), 7 de Setembro de 2000 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

sessão de dia 28 de Abril apresentada por JAROMÍR KALLISTA

Jan Svankmajer começou a trabalhar em cinema nos anos 50, no âmbito da ambiciosa escola checa de animação. Em 1970 aderiu ao grupo surrealista de Praga, que, como se vê pela data, nada tinha a ver com o surrealismo histórico e ao qual permaneceu fiel, tendo participado depois da queda do comunismo da publicação de uma revista e de uma série de eventos ligados ao surrealismo. Consciente de que o surrealismo sempre foi muito minoritário, Svankmajer afirma com ironia que há poucas hipóteses de que o seu grupo seja integrado à cultura predominante na República Checa, devido à indiferença geral. Para ele, o surrealismo não é um estilo artístico, mas “*um meio de investigar e explorar a realidade, uma viagem às profundezas da alma*” e ele rejeita a noção de *arte* aplicada ao seu trabalho, preferindo a de *criação*. Por isto, um dos seus admiradores, Peter Hames, observou que “*os seus filmes exploram o mundo da imaginação e são afirmações da força deste mundo contra as categorias pré-digeridas do mundo comercial*”.

Otesánek é a quarta longa-metragem de Svankmajer (desde então realizou mais quatro) e afasta-se bastante dos filmes que tinha realizado até então. Nas palavras do próprio realizador este é o seu filme “*mais convencional*”. Isto se deve sobretudo ao facto de quase toda a ação ser confiada a atores, à exceção do “filho” vegetal do casal co-protagonista, que é mostrado em animação de três dimensões e de uma recapitulação do conto no qual o filme é baseado, mostrado em animação de duas dimensões. Há, por conseguinte, a utilização simultânea de três técnicas diferentes e também há um paradoxo deliberado nesta escolha, pois, em princípio, uma história em que uma mulher imagina que um pedaço de pau é o seu bebé seria melhor contada num filme de pura animação. Mas é precisamente o contraste entre aqueles atores de carne e osso e a monstruosa criatura vegetal (que só pode ter “vida” graças às trucagens da animação) que dá sentido à história. Como num conto popular – e embora tirado do livro de um conhecido escritor, a história de **Otesánek** tem o sabor de um conto popular – os acontecimentos ficam fora de controle e o inocente bebezinho torna-se extremamente perigoso (lembranças do mito de Frankenstein e de outras criaturas criadas *ex nihilo*,

usurpando os supostos poderes divinos) revela ter um apetite feroz e, invertendo a habitual posição dos ogres e das crianças nos contos de fadas – acaba por devorar várias pessoas, incluindo os próprios “pais” e ser morto por uma representante do bom senso popular, uma camponesa que prepara-se para dar-lhe uma certa pazada para que ele não venha comer as suas couves. E como num conto infantil desprovido de fadas ou bruxas, uma criança se apercebe de uma anomalia que os adultos não vêem e torna-se cúmplice dela, apoiando os que são vítimas da própria imaginação. Numa entrevista, Svankmajer explica que a palavra *otesánek* é um composto de *podar* e do sufixo *anek*, acrescentado ao nome das crianças como um diminutivo (como *inho* em português) e que *“figurativamente, a palavra é usada em checo para caracterizar uma pessoa que devora e digere tudo, não apenas comida”*. Sem ir tão longe quanto Bruno Bettelheim em *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Svankmajer encontra uma clara, bem-humorada e eficiente solução visual para mostrar que há muita coisa por detrás das tramas dos contos de fadas: a dada altura, a criança de dez anos está a ler um livro sobre teorias sexuais, que encobre com a sobrecapa do livro do qual foi tirado o conto adaptado no filme... Quanto à *“curta-metragem independente, o filme no filme”* formado pelo desenho animado em duas dimensões que ilustra o conto, tem a função de *“dar ao espectador uma imagem clara do mito original, não adulterado pelas deformações da sociedade atual”*.

A narração no cinema de animação, seja ele industrial ou artesanal, é por natureza mais esquemática do que num filme com atores e esta foi uma das razões da duração de **Otesánek**, que mesmo alguns dos seus admiradores julgavam excessiva. Svankmajer explica que isto se deve ao facto dele ter calculado erradamente a duração final, sem levar em conta que um filme com atores e diálogos convencionais é forçosamente mais longo do que um filme de animação pura, ainda que este tenha diálogos. De facto, mesmo o personagem da criança não se comporta com a clareza esquemática de um personagem de animação, tem todas as hesitações e deduções de uma figura humana. Para alguns observadores isto não traz uma alteração profunda ao cinema de Svankmajer, antes é o sinal de que ele chegou a uma espécie de síntese: *“O mundo de Svankmajer, com as suas coisas que se mexem e as suas texturas dilapidadas e carcomidas sempre tratou de relações humanas. **Otesánek** é apenas o primeiro dos seus filmes que as põe tão nitidamente no centro da ação”* (Leslie Felperin). Indo mais longe, outro admirador do filme, Pier Maria Bocchi observa que *“**Otesánek** é «cinema de tese» no sentido mais cru e direto, exatamente como o são as fábulas. Por isso mesmo, nos dias de hoje parece um ovni que mete mais medo do que qualquer filme-verdade”*.

Antonio Rodrigues